

## APRESENTAÇÃO

Encerramos o primeiro semestre de 2020 com múltiplas preocupações decorrentes da pandemia da COVID-19, que surpreendeu a todas e todos. Preocupações essas que vão desde a manutenção da saúde física e mental (nossa e daqueles que amamos), passando pelas dúvidas e incertezas decorrentes da má gestão dos governantes em relação ao controle da doença, e chegando às questões materiais de nossa condição de existência. Nesse contexto, o âmbito educacional é um ponto crítico, uma vez que o cerne de nossas atividades é permeado de mediação, contato e aglomeração de pessoas. Especialmente na educação básica, as alternativas apresentadas, como o ensino remoto, encontram diversas barreiras, que vão desde a falta de autonomia dos estudantes, até, o que é mais grave, a falta de condições básicas, como ambiente de estudos adequado, acesso de qualidade à internet e vulnerabilidade de muitas famílias.

Em meio a esse cenário difícil e delicado, chegamos à 25ª edição da **Perspectiva Sociológica: A revista de professores de Sociologia** com a convicção de que, em condições adequadas também para o trabalho docente, a nossa disciplina tem uma grande potência didático-pedagógica. Intitulada *As múltiplas possibilidades do ensino de Sociologia*, esta edição vem afirmar a diversidade de ferramentas teórico-metodológicas para a construção da relação de ensino-aprendizagem, enriquecida pela tríade das Ciências Sociais na Sociologia escolar.

Abrimos essa edição com a rica entrevista realizada pelo professor da UERJ Rodrigo Paim e pela estudante Aymara Melo com o professor Diamantino Domingos Lopes, que é coordenador do curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade Lusófona da Guiné-Bissau. Além de conhecermos sobre o ensino de sociologia local, essa entrevista nos apresenta reflexões acerca da conjuntura política e social do país e nos convida à tarefa urgente de descolonizar nossas práticas e pensamentos sobre o continente africano, com um “maior investimento no ensino da história da África e outros povos”, como salientou Diamantino.

A seção Artigos traz contribuições importantes para a prática docente em sala de aula. O artigo de Paloma Augusto, intitulado *Discutindo o ‘tempo’ em aulas de Sociologia: desnaturalização, estranhamento e relativização sob um olhar antropológico*, analisa diferentes concepção de tempo e temporalidade, destacando a importância da Antropologia para desnaturalizar categorias chave de nossa sociedade. Buscando também despertar a imaginação sociológica no corpo discente, o artigo de Bruno Yashinishi, intitulado *O uso de filmes em aulas*

de Sociologia, reflete sobre esse rico recurso didático apresentando a proposta de um roteiro para observação de filmes em aula elaborada por uma estudiosa da área.

O artigo *Considerações sobre a influência do capital cultural e o (in)sucesso escolar nas obras Os Herdeiros (1964) e A Reprodução (1970)*, escrito por Vergas Vitória em parceria com Douglas Abreu e Aldus Santos; apresenta uma dupla contribuição: uma análise sobre a reprodução das desigualdades na escola que também instrumentaliza conceitualmente os docentes para abordar a temática. Ao analisar a forma como dois livros didáticos abordam a temática indígena, Ellen Araújo, em artigo intitulado *A temática indígena nos livros didáticos de Sociologia*; também alia uma reflexão teórico-metodológica à sua aplicação em sala de aula. Por fim, o artigo de Gustavo Cravo, Jayme Reis e Juliana Mochel, intitulado *A avaliação das áreas Antropologia, Ciência Política e Sociologia pela CAPES e as menções à sociologia no ensino médio*, destaca a pouca atenção das pós-graduações ao nível básico de ensino e nos convida a refletir sobre seu papel na melhoria da educação básica no país.

Na seção Experimentações, três trabalhos indicam múltiplas possibilidades pedagógicas decorrentes do currículo de sociologia. O artigo de Carlos Eduardo O. Rêgo e Silzane Carneiro, *Em defesa de uma educação em direitos humanos: um balanço do LAEDH em seus cinco primeiros anos*, nos apresenta ao Laboratório de Educação em Direitos Humanos do Colégio Pedro II, que amplia para a escola como um todo as discussões decorrentes desse tema caro ao ensino de Sociologia. O artigo intitulado *A primeira semana da consciência negra do CAP- UERJ sob a ótica da participação de licenciandas/os em Ciências Sociais da UERJ*, escrito pelo docente Wallace Ferreira e cinco licenciandos, narra a experiência desse evento interdisciplinar, que, além levar à comunidade escolar o necessário debate sobre as relações étnico-raciais, possibilitou a articulação entre teoria e prática para os licenciandos que realizavam o estágio nesta escola. O último artigo desta seção, intitulado *Desnaturalizando a barbárie: o ensino dos conceitos de biopoder e necropoder na Educação Básica*, também é fruto da experiência de estágio de Barbara Rossin Costa, que relata o uso desses conceitos para “promover uma sensibilização sobre a importância de se colocar em pauta a gestão da vida e da morte na educação básica”.

Na linha do trabalho anterior, o artigo de Victor Romero de Lima, intitulado *Relato de experiência a partir do PIBID: ensino de Sociologia e a Lei 11.645*, inaugura a seção Espaço Discente valorizando também a experiências dos *pibidianos* na articulação entre teoria e prática, com foco no ensino da cultura afro-brasileira. O outro artigo que compõe esta seção, intitulado *Revista Perspectiva Sociológica*, n.º 25, 1º sem. 2020, p. 1-3.

*As representações da mulher na cultura geek: o que pensam os e as estudantes do ensino médio integral?*, escrito pelos estudantes de graduação Fábio Goulart e José Maio e pelas estudantes de ensino médio Julia Oliveira e Tânia Baldez, aborda a dificuldade em identificar a discriminação nesse meio, uma vez que a sexualização da mulher não é percebida pelos estudantes “como um dos aspectos relacionados à discriminação e preconceito”.

Fechando esta edição, temos duas resenhas. Marcelo da Silva Araújo resenha o livro *Analfabetos num mundo letrado: desafios e superações*, no qual a antropóloga Tatiana Cipiniuk (2016) toma a educação formal de jovens e adultos (EJA e PEJA) como objeto de pesquisa. O autor destaca a relevância da obra “para se pensar não somente a construção do fenômeno social analfabetismo e seus efeitos morais, mas também na produção do que é diferente, distinto, em relação à imposição dos padrões do universo letrado”. Na outra resenha, Maciana Souza e Patrícia Raposa apresentam o livro *O ensino de humanidades nas escolas*, organizado por Cristiano Bodart em 2019, destacando se tratar de uma “referência necessária para compreender o contexto atual no campo da educação e pelo debate acerca da atividade pedagógica numa perspectiva democrática e inclusiva”.

Apresentamos, assim, esta edição às leitoras e leitores, agradecendo aos esforços coletivos e as contribuições recebidas para o presente número. Nesse momento turbulento, desejamos saúde, serenidade e cuidado a todas e todos; e reforçamos o nosso compromisso e luta pela diminuição das desigualdades educacionais e, conseqüentemente, por uma educação pública de qualidade.

Boa leitura!

*Barbara de Souza Fontes*

**Editora**